

Dr. David Turner, Evangelho de João, Sessão 2, Introdução, Parte 2

© 2024 David Turner e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Turner em seu ensinamento sobre o Evangelho de João. Esta é a sessão 2, Introdução ao Evangelho de João, parte 2, Assuntos Históricos e Textuais.

Olá, voltamos ao Evangelho de João novamente em nosso segundo vídeo.

Nosso primeiro vídeo tentou apresentar a você os aspectos teológicos e literários do Evangelho, e agora voltamos para fazer um segundo vídeo introdutório, desta vez mais sobre questões históricas, como chegamos ao Evangelho de João, o cenário histórico do texto, e como conseguimos isso hoje, tipos de coisas de crítica textual. Então, novamente, estamos entrando na piscina de John e pegando um pouco, mas podemos nos afogar nisso, é muito profundo. Então, estamos tentando apresentar a você as coisas que você precisa pensar com este Evangelho, mas dificilmente estamos fingindo que estamos cobrindo tudo o que precisa ser dito.

Então, repetimos o que João disse no final do livro, que tudo o que precisa ser dito sobre o Evangelho de João não podemos dizer, caso contrário o mundo inteiro ficaria cheio de coisas que deveriam ser ditas sobre o Evangelho de João. John. Então, estamos apenas tirando algumas gotas do oceano aqui hoje e esperamos que isso seja útil para você em sua vida e ministério. Assim, ao pensarmos sobre o cenário histórico de João e tudo mais, não posso deixar de mencionar este excelente livro de Craig Blomberg sobre a confiabilidade histórica do Evangelho de João.

Craig analisou e falou sobre o quanto de João se relaciona com o cenário histórico e falou sobre alguns dos problemas históricos do livro, por isso foi um excelente recurso geral sobre questões históricas e para o Evangelho de João. Assim, a primeira coisa que queremos discutir em relação ao cenário histórico de João é a questão da sua autoria, e para discutir a autoria de João falamos sobre evidências internas e externas. A evidência externa tem a ver com o que sabemos sobre o Evangelho de João através de pessoas que falaram sobre ele na igreja primitiva.

A evidência interna é basicamente o que o próprio livro implica sobre quem poderia ter sido seu autor. Então, começamos com a evidência externa e apenas observamos que na igreja primitiva, já no século II, pessoas como Irineu, Clemente de Alexandria e Pápias, conforme citado por Eusébio, que escreveu durante o século IV, falaram sobre João e sobre sua autoria e seu cenário e como surgiu. Esses escritos, particularmente o comentário sobre Pápias feito por Eusébio, são interessantes porque normalmente relacionam João à cidade de Éfeso, na Ásia Menor Ocidental, e falaremos sobre como João executou o fim de sua vida e ministério ali.

Mas a declaração de Papias é particularmente interessante porque ele se refere não apenas a João, o discípulo, mas a João, o Velho. E assim, temos alguns problemas exegéticos com Papias tentando descobrir se ele estava falando sobre duas pessoas, dois Joãos diferentes, João, o discípulo, como um indivíduo e João, o ancião, como outro. Nem todo mundo olha para Papias dessa forma.

Pode ser que ele esteja falando da mesma pessoa apenas usando dois títulos diferentes para ela. Mas se você quiser se aprofundar nisso, é motivo de alguma consternação tentar descobrir exatamente a que Papias estava se referindo, tanto quanto João, o Velho. Parece-me, como um especialista não joanino, mas alguém que está trabalhando com João há alguns anos, juntamente com muitas outras coisas, que o evangelho de João está certamente ligado, pelo menos indiretamente, a João, o apóstolo, o discípulo de João. os Doze.

E se houve um João mais velho ou outros associados joaninos que formaram o núcleo do que foi chamado de comunidade joanina, acho que gostaríamos de dizer que o ensinamento neste livro é Jesus filtrado através de João, o membro dos Doze, o discípulo original. E é o evangelho segundo essa tradição, a tradição que veio do apóstolo João, um dos Doze. O que podemos aprender com as evidências internas é basicamente que o autor deste evangelho foi uma testemunha ocular, alguém que foi um dos Doze, um dos seguidores originais de Jesus.

Quando ele diz que vimos a sua glória, ele está afirmando que ele realmente esteve lá e viu as coisas de que fala. Claro, temos outras referências ao discípulo amado no evangelho de João, e o discípulo amado é aquele que estava mais próximo de Jesus e que se reclinou, como diz o texto em João 13, reclinou-se no peito de Jesus durante a refeição. Dedicaremos algum tempo para tentar desvendar o que isso significava no antigo arranjo romano de três sofás chamado mais tarde de triclinio, mas está claro que a evidência interna, quer você a aceite ou não, afirma que a pessoa que escreveu este livro foi um associado pessoal próximo, amigo íntimo e companheiro de Jesus.

Então, o que temos neste livro, conforme o livro conclui no capítulo 21, é uma referência a esse indivíduo, o discípulo amado, e o discípulo amado afirma que sabemos que seu testemunho é verdadeiro. Ele nunca diz qual é o nome dele, mas diz, você sabe que eu estive lá e fiz isso, então sei do que estou falando. Então, estamos olhando aqui em João 21, versículo 25.

Jesus fez muitas outras coisas também. Se cada um deles fosse escrito, suponho que nem mesmo o mundo inteiro teria espaço para os livros que deveriam ser escritos. Então, ele está deixando bem claro que fez parte do ministério inicial de Jesus e sabe do que fala.

Como ele não se identifica, temos o que, creio eu, poderíamos chamar de um testemunho oblíquo de autoria, não um testemunho específico que mencione o

nome do autor, mas uma referência muito ampla a alguém que é um tanto enigmaticamente identificado como o querido discípulo. E assim, não temos total anonimato quando se trata do autor do livro. Temos uma espécie de anonimato qualificado.

E através da tradição primitiva da igreja, esta evidência um tanto oblíqua que temos no próprio livro, pelo menos pela maioria da igreja, foi entendida como uma referência ao discípulo amado como João, um discípulo, um membro da igreja. o original 12. Quando pensamos sobre o público-alvo do Evangelho de João, tem havido um grande debate nos estudos do evangelho ultimamente sobre se João foi escrito para, do evangelho como um todo, escrito para públicos amplos ou mais restritos. Tornou-se moda, eu acho, na segunda metade do século 20 dos estudos sobre o evangelho do Novo Testamento, do ponto de vista da disciplina conhecida como crítica da redação, pensar que os autores dos Evangelhos redigiram ou editaram suas tradições que estavam disponíveis para de uma forma que foi especificamente adaptada para atender às necessidades de suas respectivas comunidades.

Até certo ponto, então, essas respectivas comunidades tornaram-se os árbitros de como entenderíamos o conteúdo do evangelho. Então, a teoria de que o conteúdo do evangelho era baseado na comunidade tornou-se uma espécie de círculo vicioso, e pessoas como Richard Balcombe, como veremos em breve, falaram contra essa abordagem dos Evangelhos. Mas por um momento, vamos pensar sobre algumas das reflexões atuais sobre o público de João.

Tradições antigas, aquelas que acabamos de mencionar no slide anterior, tendem a colocar João em Éfeso ou perto dela, e o fim de seu ministério foi realizado lá, então seus materiais foram escritos para a igreja daquela região específica. É claro que circulou mais amplamente na igreja depois daquela época em que foi originalmente concentrado lá em Éfeso.

J. Lewis Martin e outros têm a teoria de que João foi escrito para cristãos, especificamente cristãos judeus que estavam tendo dificuldades em manter sua comunhão com as sinagogas em toda a diáspora, por causa de sua lealdade a Jesus, eles estavam sendo expulsos da sinagoga. Assim, Martin era da opinião de que textos como João 9, que se refere ao homem cego que Jesus curou, e textos como 12:42, que se refere àqueles que acreditaram em Jesus, mas não deixaram isso ser conhecido publicamente, porque eles seriam expulsos da sinagoga se fosse conhecido, e em 16, onde Jesus avisa os discípulos que eles serão perseguidos e que sua perseguição incluirá sua expulsão da sinagoga.

Assim, Martin acreditava que João foi escrito para este grupo de cristãos que estavam essencialmente sendo perseguidos por sua fé em Jesus, que estavam sendo desassociados das sinagogas em toda a parte Ocidental da Ásia Menor do mundo.

Um pensamento atual que vai contra isso é baseado em um livro de Richard Bauckham intitulado *Os Evangelhos para Todos os Cristãos*, e Bauckham editou o livro e escreveu o primeiro capítulo dele.

Seu artigo se chama *Os Evangelhos para Todos os Cristãos*. O nome do livro vem de seu artigo, e Balcom disse que a ideia de que os Evangelhos foram escritos para pequenas comunidades, e então as pequenas comunidades que foram teorizadas se tornaram toda a base para a exegese do livro, é uma círculo vicioso, e assim a hipótese é confirmada pelos dados porque os dados confirmam a hipótese, e então é o que tenho ouvido recentemente chamado de viés de confirmação, que se você tem uma teoria sobre algo, então você tende a pensar que você pode prove isso pelas evidências, porque você está olhando as evidências estritamente do ponto de vista de provar a teoria que está apresentando. Portanto, Bauckham acumulou algumas evidências neste livro sobre por que todos os quatro Evangelhos foram escritos, não para células individuais grupos nesta pequena cidade ou neste pequeno lugar, ou uma classe particular de cristãos dentro do Império Romano, mas estes Evangelhos foram escritos para todos os cristãos, e assim as diferenças dos Evangelhos não são explicadas pelas diferenças entre o público, mas pelas diferenças em os Evangelhos são explicados pela ênfase individual que o autor quis fazer.

Então, o foco está mais na estimativa do autor individual sobre o que a igreja como um todo precisava, e os Evangelhos foram então escritos com alguma consciência das outras publicações, mas foram escritos não tanto para um pequeno público, mas para o que o autor pensava que a igreja como um todo precisava ouvir. Portanto, este é um excelente livro sobre este tópico e contém também alguns outros artigos interessantes sobre como a literatura antiga circulou no Império Romano e como os Evangelhos poderiam ter sido amplamente divulgados não apenas em uma pequena área, mas em todo o Império em um tempo bastante rápido. Portanto, o argumento de Bauckham é uma espécie de antítese do que Martin e outros estavam dizendo sobre um público restrito para John.

Uma coisa que todos nós notaríamos é que o Evangelho de João é um Evangelho muito judaico. Tem muitas características judaicas. Provavelmente ouviríamos algumas pessoas dizerem que João é o mais judeu dos Evangelhos, e então ouviríamos pessoas dizerem, não, Mateus é o mais judeu dos Evangelhos.

Então, não sei como vamos resolver essa dificuldade. Ambos têm maneiras diferentes de mostrar como o Judaísmo impactou Jesus e como Jesus foi o Messias de Israel, e não sei se precisamos mais debater essa questão. Mas está bastante claro que há muitas características judaicas em João, e João está constantemente se referindo ao Antigo Testamento por meio de alusões ou citações.

O prólogo do Evangelho de João liga claramente Jesus a Gênesis capítulo 1, claramente liga Jesus a Moisés, claramente liga João Batista, o precursor de Jesus, a

Malaquias e a Isaías capítulo 40. Portanto, temos muitas raízes do Antigo Testamento neste Evangelho que não pode ser contestado. Também é provável que João tenha escrito um pouco mais tarde, essa é a tradição unânime, e que João tenha sido escrito talvez como um suplemento aos Evangelhos Sinópticos.

Parece que temos não apenas a ideia de que isso seria verdade apenas por meio de uma suposição, mas de uma declaração sobre como o Evangelho de João começou, sobre a qual falaremos um pouco mais detalhadamente. Assim, a maioria dos estudiosos hoje pensaria que o Evangelho de João foi escrito no final do primeiro século, talvez por volta de 90 da Era Comum, EC. Alguns o datariam um pouco mais tarde, existe uma escola de pensamento, entre eles John AT Robinson, que tentou argumentar que John foi escrito antes dos 70.

John namorou muito cedo, poucas pessoas o seguiram nesse debate. Temos uma espécie de terminus ad quem, que é um ponto ao qual João deve ter sido escrito nesta data, porque temos o documento mais antigo dos tempos do Novo Testamento datado de P52, normalmente por volta de 125 DC. Alguns datados antes, alguns datados um pouco mais tarde, mas 125 acho que é uma data bastante segura para isso.

Então, está bastante claro que João foi escrito e existia algumas décadas antes disso, ou não teria havido um manuscrito dele escrito naquela época posterior. Assim, em meados do século II, João era bastante conhecido. Então, como relacionamos João com os Evangelhos Sinópticos? Então, fazemos perguntas aqui: como é que João é tão diferente dos Sinópticos, e como é que João é, em alguns aspectos, semelhante a eles? Então, quais são as áreas de conteúdo comum entre João e os Sinópticos? Qual é o seu nível de interesse histórico? Qual é a sua orientação para a geografia? Como eles são estruturados como literatura? Como eles contam a história? E, finalmente, como olhamos para as suas ênfases teológicas e como elas diferem? Então, vou mostrar agora um slide que acho que você não conseguirá ver no vídeo, mas acho que você terá acesso a esse material de uma forma que você conseguirá vê-lo impresso e poder ver isso melhor.

Peço desculpas por isso, mas isso não deve prejudicá-lo muito. Assim, a estrutura dos quatro Evangelhos pode ser apresentada como um gráfico comparativo. E quando pensamos na forma como são apresentados, ambos falam claramente sobre o ministério público de Jesus e sobre a paixão em Jerusalém que levou à ressurreição de Jesus e coisas que aconteceram depois disso.

Portanto, quer estejamos falando de Marcos, Mateus, Lucas ou João, temos esse interesse comum em um ministério galileu, um ministério público e um tempo em Jerusalém, bem como na ressurreição do que aconteceu depois que Jesus foi crucificado. Para ir ao cerne da questão, este próximo slide, que acho que vocês podem ver, novamente, consultem seus materiais escritos para ver o slide anterior.

O que notamos é que tanto os Evangelhos Sinópticos, Mateus, Marcos e Lucas, como também João, têm muito a dizer sobre a Galiléia e muito a dizer sobre Jerusalém.

A diferença é que na tradição sinóptica, Jesus é apresentado como tendo um ministério na Galiléia que o leva a uma viagem perto do final de seu ministério a Jerusalém, e então encontrando os discípulos novamente na Galiléia após a ressurreição. No entanto, no Evangelho de João, as coisas são um pouco diferentes. No Evangelho de João, você tem Jesus se movendo da Galiléia para Jerusalém bem no início do capítulo 2, depois retornando para a Galiléia, depois retornando para Jerusalém novamente, e indo e voltando e indo e voltando.

As coisas não estão exatamente iguais. Jesus está viajando muito de um lado para o outro no Evangelho de João. Notamos uma coisa que se destaca nisso e que é bastante surpreendente, é que o evento que a tradição sinóptica coloca perto do fim do ministério de Jesus, quando ele chega a Jerusalém, ele tem o incidente do templo onde ele expulsa os cambistas.

Esse incidente ocorre no início do Evangelho de João. Os estudantes dos Evangelhos têm muitos debates sobre como isso funciona e como entender quando isso realmente aconteceu. Os evangélicos que acreditam que isso aconteceu adotam duas abordagens diferentes, ou pensam que Jesus realmente limpou o templo duas vezes.

Acho que mais pessoas pensariam que ele só fez isso uma vez. Destes, a maioria diria que os Evangelhos Sinópticos preservam a sua origem histórica, e João colocou isso no início do ministério de Jesus como um tipo de coisa temática e atual para mostrar os problemas de Jesus com os líderes judeus no início de seu ministério, e não adiar esse incidente para o fim. Este é um ponto discutível.

Estamos falando neste momento apenas tentando entender a questão de como o Evangelho de João conta a história, não tanto sobre a maneira exata como precisamos entender esse assunto específico. A essência disso é que o foco de João na geografia é muito diferente daquele dos Sinópticos. Em João, Jesus está em Jerusalém logo no início, volta para a Galiléia, volta para Jerusalém, volta para a Galiléia, volta para Jerusalém novamente e, finalmente, faz um breve hiato no leste do Jordão antes de voltar. curar Lázaro e ter o que chamamos na tradição sinóptica geralmente de entrada triunfal.

Então, quanto de João é realmente encontrado nos Sinópticos? É comum ouvirmos que apenas 10% de João é encontrado na tradição sinóptica. Isso é praticamente uma coisa resolvida com a qual todos concordariam. Então, dito de outra forma, apenas cerca de 170 do total de 778 versículos de João têm material que se sobrepõe aos Sinópticos.

Aqui não estamos nem falando sobre um acordo exato de redação, apenas sobreposição no sentido de que eles estão cobrindo o mesmo tipo de material e contando a mesma história. Então, se pararmos aqui apenas para examinar o material que se sobrepõe em João e os Sinópticos. Portanto, o testemunho de João Batista sobre Jesus é muito diferente em João e nos Sinópticos, mas acho que a essência dele é muito, muito semelhante.

Assim, em João capítulo 1, versículos 19 a 28, temos referência ao testemunho de João a Jesus. Temos a questão de Jesus esvaziar o templo logo no início em João, mais tarde nos Sinópticos, mas é um material que é comum. A cura do filho do oficial é provavelmente o mesmo incidente em João 4 que encontramos nos Sinópticos.

Jesus alimentando a multidão no capítulo 6 é o único milagre que ocorre em todos os quatro Evangelhos. Jesus andando sobre as águas logo depois disso também é encontrado em Mateus e Lucas. A conspiração dos líderes judeus para matar Jesus é obviamente encontrada na tradição sinóptica.

A unção de Jesus em Betânia, o que chamamos de entrada triunfal, Domingo de Ramos, Jesus prevendo as negações de Pedro, Jesus sendo traído e preso, Jesus diante do sumo sacerdote, as negações de Jesus por Pedro enquanto tudo isso acontecia, Jesus aparecendo diante de Pilatos, Pilatos condenando Jesus à morte, Jesus sendo crucificado e morrendo, obviamente em todos os quatro Evangelhos, seu sepultamento, sua ressurreição e sua aparição pós-ressurreição aos discípulos. Todas essas coisas são comuns. Desculpe, preciso pegar uma bebida.

Assim, toda esta informação que notamos há pouco, passando muito rapidamente, mostra-nos que embora João seja bastante diferente, há uma série de coisas que João tem em comum com a tradição sinóptica. Isto foi debatido e conhecido mesmo nos tempos antigos, por isso temos esta famosa citação de Clemente de Alexandria do século II, escrita por Eusébio no século IV, e é traduzida assim, João por último, consciente de que os fatos externos havia sido estabelecido nos Evangelhos Sinópticos, acrescentei a palavra Sinóptico, que é a referência dele, obviamente não é um termo que Clemente usou, os fatos externos foram apresentados nos Evangelhos, ele foi instado por seus discípulos, e sendo divinamente movido pelo Espírito, ele compôs um evangelho espiritual. A tradução joga com o termo exterior e espiritual para a forma como os dois Evangelhos são descritos.

A linguagem original de Clemente falava basicamente de uma distinção entre somático e pneumático, isto é, coisas externas ou externas versus coisas internas ou espirituais. Muitos de nós na tradição evangélica não estamos exatamente satisfeitos com toda a hermenêutica que saiu de Alexandria e do Egito, como a de Orígenes e Clemente e pessoas da sua laia, e muitos de nós tenderíamos a preferir o tipo de Antioquia de hermenêutica de pessoas como Crisóstomo, mas eles apontaram algo aqui que todos devem reconhecer, quer gostem da terminologia ou não. Então talvez

você não queira comparar João aos Sinópticos falando da diferença entre o somático, o exterior, o corporal, versus o interno, o espiritual.

Talvez você não goste dessa forma de pensar sobre os termos, mas há algo aqui que precisamos pensar e considerar, que se este cenário histórico for verdadeiro, e que João de fato estava escrevendo como um suplemento ao Sinóptico tradição, ele claramente não queria apenas reiterar esse tipo de perspectiva novamente. Portanto, João é muito mais seletivo, evidentemente, do que a tradição sinótica era ao escolher coisas específicas da vida de Jesus e das pessoas que ele conheceu, a fim de promover a ideia de que as pessoas precisavam ver seus sinais, confiar nele e chegar a uma conclusão. vida pela fé nele. Isto, é claro, seria mais restrito do que os Sinópticos, que têm mais foco no reino de Deus e em coisas mais amplas, e no ensino de Jesus.

Então, quando olhamos para o Evangelho de João e pensamos nele como o evangelho espiritual, parece-me que ficamos impressionados imediatamente, quer queiramos usar a palavra espiritual ou não, com a forma como João começa com o prólogo e vincula Jesus como o criador no livro de Gênesis. A maneira como o Evangelho de João começa a usar uma linguagem de natureza metafórica. Nicodemos tem dificuldade em entender o que Jesus quis dizer quando lhe disse que precisava nascer da água e do espírito.

Já no capítulo 2, antes mesmo de Nicodemos, Jesus falou da destruição do templo, falando da destruição do seu corpo. Quando Jesus encontra a mulher junto ao poço em João 4, ele lhe oferece água viva. Ela, é claro, não entende muito bem como isso funciona até que ela lhe explique com mais cuidado.

Portanto, acho que o uso que João faz da linguagem metafórica, o uso de símbolos e os duplos sentidos intencionais que ele usa são talvez o que Clemente estava tentando chegar quando falou sobre João como o evangelho espiritual. Acho que este é um comentário muito provocativo, que nos ajuda a entender o que está acontecendo no Evangelho de João e nos ajuda a explicar como João é tão diferente dos sinópticos em muitos aspectos. Então, se passarmos para uma das diferenças, que é a área da geografia, e apenas tentarmos entender o Evangelho de João e a geografia, a principal diferença é que Jesus vai e volta várias vezes entre a Galiléia e a Galiléia. Jerusalém em João, em oposição à forma como é apresentada nos evangelhos sinópticos.

Além disso, João tem muito a dizer sobre as várias festas judaicas que Jesus participa em seu evangelho, e isso o leva a nos dizer quase inadvertidamente que o ministério de Jesus durou três anos porque há três Páscoas diferentes que Jesus participa no Evangelho. de João. Não saberíamos disso apenas lendo a tradição sinótica. Então, se você estiver orientado para Israel e a Palestina e a forma como a terra está distribuída nas regiões, se não, então rapidamente notaremos que Jesus é, claro, da

Galiléia, e ele passa um tempo em Samaria, que é uma área intermediária entre a Galiléia e a Judéia e, claro, muito figura então em Jerusalém.

Supondo então que você esteja familiarizado com esse layout geral do terreno, viramos o mapa de lado e temos uma orientação leste. Penso que esta orientação é talvez preferível em muitos aspectos ao mapa norte-sul a que nós, no mundo ocidental, estamos mais habituados, porque penso que está mais relacionado com a forma como eles pensavam na altura, sendo o Mar Mediterrâneo a fronteira. Então, temos o Mar da Galiléia aqui no norte, com luz e sombra.

Não tenho certeza se você consegue ver isso. O Mar da Galiléia, grande parte de João, está ocorrendo em torno desta região. Temos o Vale do Rio Jordão, que este belo mapa topográfico nos mostra como uma fenda geológica, levando-nos então ao ponto mais baixo da face da terra, o Mar Morto, a cerca de 1.200 pés, 1.300 pés abaixo do nível do mar.

Nazaré, onde Jesus nasce na tradição sinótica e é mencionado também em João, fica aqui nesta região da Galiléia, a oeste do Mar da Galiléia. Jerusalém, é claro, aqui no sul, na principal cordilheira montanhosa que sobe do vale do Jordão. Dessa perspectiva, cerca de 2.700 pés acima do nível do mar, 1.200-1.300 pés abaixo do nível do mar aqui.

Então, uma boa distância aqui, de 24 quilômetros, chegando a alguns milhares de pés. É uma viagem bastante íngreme. Imagine caminhar ou andar de burro por aquela área.

Então, estamos falando de apenas cerca de 80 quilômetros entre Nazaré e Jerusalém. Portanto, aqueles de nós que vivem pelo menos no Ocidente, com países bastante grandes e muito espaço de manobra no mundo, ficam impressionados pela primeira vez quando vamos a Israel sobre o quão pequeno é. Pensando mais em Jerusalém, vários eventos no Evangelho de João ocorrem dentro e ao redor de Jerusalém, como Jesus curando o paralítico no tanque de Betesda, que provavelmente fica aqui ao norte do templo.

O Tanque de Siloé fica aqui embaixo, no extremo sul da cidade baixa. O Monte do Templo está aqui. A fortaleza Antonia, a fortaleza romana, fica aqui, no canto noroeste do templo.

Muitas pessoas pensam que a Última Ceia de Jesus foi no cenáculo, que hoje fica num lugar que chamam de Monte Sião, que não é o que a Bíblia chama de Monte Sião. O Monte Sião na Bíblia é a cidade de Davi, logo ao sul do templo. Mais tarde, o Monte Sião passou a ser aplicado à colina ocidental desta região.

O Monte das Oliveiras é a montanha aproximadamente ao norte e ao sul, cume a leste da cidade velha. Do outro lado do Monte das Oliveiras, fora do mapa, provavelmente onde ficava Betânia, onde Jesus passou um tempo com Lázaro e sua família. Jardim do Getsêmani, tradicionalmente localizado a leste do templo.

Em algum lugar ali, suponho, também pode ser estabelecido em tempos antigos. Muito debate sobre onde Jesus foi crucificado. Temos hoje o túmulo que o General Gordon pensou ter estabelecido, chamado Calvário de Gordon no Túmulo do Jardim, ao norte do atual Portão de Damasco.

Considerando que nos tempos antigos, a muralha da cidade provavelmente estava derrubada por aqui. Portanto, a Igreja do Santo Sepulcro talvez não seja um local apreciado por todos os protestantes. Historicamente, a tradição de este ser o local do sepultamento de Jesus é muito mais sólida do que qualquer coisa relacionada a este local aqui no chamado Jardim da Tumba.

Outra parte da tradição de Jesus em Jerusalém é a questão da Via Dolorosa, o Raio das Dores que depois de Jesus ter sido condenado por Pilatos, onde foi à cruz. Se você for a Jerusalém hoje, poderá caminhar e observar as várias estações da cruz que foram tradicionalmente acrescentadas desde os tempos do Novo Testamento. E eles levam você basicamente da área da Fortaleza Antonia em Jerusalém, no canto noroeste do Monte do Antigo Templo, essencialmente a oeste e um pouco ao sul até a Igreja do Santo Sepulcro.

A dificuldade com isso é que se presume que Jesus foi realmente julgado na Fortaleza Antônia, quando na verdade pode ser mais provável que o julgamento de Jesus perante Pilatos tenha ocorrido no Palácio de Herodes, onde os governadores provisórios romanos pareciam ter frequentado quando eles vieram para Jerusalém, que fica logo ao sul, as ruínas dela hoje, logo ao sul do atual Portão de Jaffa em Jerusalém. Portanto, hoje parece mais provável para a maioria das pessoas que o tempo de Jesus antes de Pilatos teria sido na área do Palácio de Herodes, então a Via Dolorosa, como você quiser chamá-la, provavelmente teria sido mais uma viagem ao norte do que algo que veio essencialmente para oeste da Fortaleza Antônia até lá. Então, é aqui que a atual tradição da igreja diverge até certo ponto, provavelmente, do que é mais provável historicamente.

Então, estando aqui o Monte do Templo, nesta área está tradicionalmente o cenáculo, o Jardim do Getsêmani, tradicionalmente falando, aqui mesmo com as oliveiras, local da crucificação e sepultamento de Jesus. Bem, isso é algo sobre o qual não temos tanta certeza. A tradição provavelmente nos ajudaria mais com a Igreja do Santo Sepulcro do que com o Calvário de Gordon.

Passando então de questões geográficas históricas para questões textuais, como chegamos ao Evangelho de João? O manuscrito mais antigo que temos do Novo

Testamento, sem falar do Evangelho de João, é o Papiro 52. Ele é chamado de Papiro 52 recto. O próximo slide, Papyrus 52 verso, tem a ver com a maneira como você vê as fibras da folha sendo horizontais.

É como a frente da folha, mais fácil de escrever no papiro quando as fibras estão na horizontal do que quando estão na vertical. Então, este é um pequeno fragmento relacionado a João, capítulo 18, versículos 31 a 33. E há apenas alguns trechos que ainda estão disponíveis.

As partes que você vê sublinhadas na tradução aqui são as partes para as quais temos palavras gregas reais no manuscrito. Por exemplo, a afirmação que os judeus lhe disseram, não nos é lícito condenar ninguém à morte. Aqui está a palavra qualquer um em grego, oudena, uma espécie de dupla negativa em grego que não é fornecida na tradução em inglês.

Isso significa ninguém em grego, na verdade. Então, temos hinnah, então , então , essa seria a palavra logos, palavra.

E, claro, o resto da palavra logos desapareceu. Então, temos isso em ordem, e isso é tudo que temos no manuscrito. Então, é muito interessante que algumas pessoas dediquem suas vidas ao estudo desse tipo de coisa e nos ajudem a entender o resto de nós que não são tão dedicados a essa disciplina tão importante.

Não tenho certeza de quão fácil foi determinar se esse pequeno fragmento realmente continha o Evangelho de João, mas está bastante claro que sim. Aqui está o verso do mesmo fragmento com o mesmo material fragmentado, desta vez de João 18 versículos 37 e 38. Observe que temos apenas algumas letras aqui da palavra oudena novamente, nada do comentário de Pilatos.

Não encontro nada de errado com Jesus. Assim, à medida que temos à nossa disposição manuscritos do Novo Testamento, temos outros que são muito mais completos em termos do Evangelho de João. Aqui está o Evangelho de João no Papiro 66, de cerca de 200 da Era Comum.

E aqueles de vocês que sabem ler grego podem ver claramente aqui o título, Euangelion Kata Ioannine. E temos aqui o início do Evangelho de João, en arxe en o logos. Esta porção aqui é a porção de João capítulo 12.

Ele deu àqueles que acreditaram nele, exousão, autoridade, techna theou, filhos de Deus, genesthai, para se tornarem. Uma coisa que os manuscritos antigos faziam e que parecemos não fazer mais é que eles tinham uma abordagem taquigráfica bastante interessante para escrever nomes sagrados, nomina sacra. Esta é a primeira e a última letras da forma genitiva de theou.

Então, para economizar espaço e para destacar esses nomes sagrados, eles pegavam a primeira e a última letra, no caso o theta e o épsilon, colocavam uma barra no topo para mostrar que se tratava de um nome sagrado, um nome especial. E além disso, economize um pouco de espaço, economize um pouco de papiro no processo. Hoje jogamos fora muito papel e, infelizmente, enchemos os aterros com ele.

Nos tempos antigos, era muito precioso. Passando então para a próxima geração, acho que se poderia dizer, dos manuscritos gregos do Novo Testamento. Estamos agora olhando para o Codex Vaticanus, que provavelmente é cerca de 150 anos depois do manuscrito anterior que estávamos examinando.

Você pode dizer que quem fez este manuscrito era uma pessoa que tinha algum lazer e alguma habilidade em termos de empreendimento artístico. Então, é aqui que começa o Evangelho de João. E aqui temos um pouco de decoração.

Mesmas palavras, en arxe en o logos. É assim que termina o Evangelho de João. Que o próprio mundo não poderia conter todos os livros que deveriam ser escritos, kata joannen, de acordo com John, a forma como temos o fim.

Então, agora as pessoas são profissionais na cópia de manuscritos, sejam eles monges, escribas ou o que quer que seja, monges escribas, e estão fazendo um trabalho muito mais elaborado. Pulamos todo o período dos manuscritos do Novo Testamento, conhecido como período minúsculo, onde os manuscritos se tornaram ainda mais ornamentados e feitos com ainda mais cuidado, e vamos para o início da era impressa, por volta de 1455, quando a imprensa foi inventada. E a Bíblia de Gutenberg foi publicada, e é aqui que começa o Evangelho de João, com as palavras *in principio erat verbum*.

No começo era a palavra em latim, e olhando com um pouco mais de cuidado aqui, um pouco mais de perto. Aqui está de novo. *Verbum erat apudei*, a palavra estava com Deus, *et dei erat verbum*, e Deus era a palavra, 1455.

Assim, até a época da imprensa, os manuscritos do Novo Testamento eram copiados à mão, e temos tantos milhares deles que temos, pode-se dizer, uma vergonha de riqueza quando falamos sobre todas as diferentes variações do texto. manuscritos. Há três que talvez sejam mais notórios no Evangelho de João, e talvez outros que poderiam ser acrescentados aqui, mas seria sensato para nós reservarmos um momento para introduzir as questões textuais nesses manuscritos. Primeiro de tudo, em João capítulo 1 e versículo 18, no final do prólogo ou prefácio do Evangelho de João, temos a surpreendente afirmação que é feita sobre Jesus, ninguém jamais viu a Deus, o único, o a próxima palavra na maioria das versões é filho, outras terão Deus.

Então, como você gosta de ler? Ninguém jamais viu Deus, mas o único Deus, ou você lê o único filho? Vamos tentar das duas maneiras. Ninguém jamais viu a Deus, mas o

único filho que é Deus e está na relação mais próxima com o Pai, ele o tornou conhecido. Isto é da NVI.

Mas se você estiver olhando para a NVI, e certas edições lhe darão algumas leituras marginais com variantes textuais, ela dirá que ninguém jamais viu Deus, mas o único Deus que é ele mesmo Deus e está em relacionamento mais próximo com o Pai. , ele o tornou conhecido. Quando olhamos para as evidências externas para esta questão, também as comparamos com as evidências internas. Quando se trata de crítica textual, a evidência externa tem a ver com a tradição manuscrita.

O que dizem os manuscritos antigos a esse respeito? Na verdade, eles têm ambas as leituras. Alguns manuscritos trazem a palavra uios, outros trazem a palavra theos aqui. Em grego, ambas são palavras de quatro letras, Upsilon Iota Omicron Sigma versus Theta Epsilon Omicron Sigma.

Eles abreviam os nomes com a barra na parte superior, como vimos no slide anterior. Estamos falando de duas cartas aqui. No manuscrito, teria dito Upsilon Sigma ou teria dito Theta Sigma.

Então, sua pergunta está relacionada a uma letra em grego, seja a letra em questão um Upsilon ou um Theta. Uios ou Theos abreviado como Upsilon Sigma ou Theta Sigma. Em termos de evidência externa, os manuscritos que temos, os mais antigos normalmente têm a frase somente Deus, têm a palavra Thaos ali.

Nos manuscritos mais recentes, embora existam muitos deles, os minúsculos normalmente leem um filho em vez de Deus. Os críticos textuais também levantam questões sobre essas leituras e tentam compreender qual era mais provavelmente original em termos do que chamam de evidência interna. A questão seria: o que João provavelmente teria escrito? E se João provavelmente tivesse escrito alguma coisa, isso explicaria como obtivemos essas outras leituras? Então, duas coisas: o que provavelmente teria sido escrito dadas as suas tendências em outros lugares, e qual leitura explica melhor a origem das outras leituras? Então, sabemos que João usou a terminologia monogâmica, única.

Algumas traduções só geraram a palavra filho em textos como João, capítulo 3, versículo 16. Acho que em 1 João também. Esta seria a única vez que a frase Thaos monogâmico, um e único Deus, ocorre.

Então, você diz, bem, então deve ser bastante provável que ele tivesse escrito um e único filho. Bem, talvez pensando dessa forma, isso seja verdade. Mas quem teria mudado intencionalmente um único filho para um único Deus, já que temos aqui uma expressão joanina muito comum? A esse respeito, o único Deus explica melhor por que alguém teria dito, bem, isso é um pouco estranho.

Isso é incomum. Alguém deve ter copiado errado. Vamos mudar a palavra theta, a letra theta, de volta para épsilon para termos um único filho.

Portanto, o único Deus nesse aspecto explica muito melhor o surgimento da leitura do único filho se tivéssemos uma mudança intencional. Mas sempre existe a possibilidade de que o que aconteceu não tenha sido intencional. Um escriba que não conhecesse muito bem o grego ou estivesse, não sei, talvez meio adormecido porque comeu demais no almoço ou o que quer que fosse, talvez tivesse estragado tudo sem querer e escrito sigma épsilon em vez de sigma teta ou vice-versa.

O bom disso é que, de qualquer forma, ambos falam de uma forma muito elevada de Jesus como o filho de Deus, de uma forma que condiz com a elevada teologia de João. Se aceitarmos a leitura alternativa de que o texto realmente diz um e único Deus, talvez devêssemos pontuar de forma um pouco diferente também. Então, podemos ler o versículo, ninguém jamais viu a Deus, mas o único, Deus, que é ele mesmo Deus e está em relacionamento mais próximo com o Pai, ele o tornou conhecido.

O que quer que você pense sobre isso, esteja ciente de que se trata de uma discussão e de um debate e você poderá se aprofundar mais nisso em tempos futuros. Outra variante textual interessante no Evangelho de João ocorre em João capítulo 5 com a cura do homem no tanque de Betesda. Havia um pensamento naquela época, evidentemente, de que um anjo estava ativo em agitar as águas do tanque e que quando o tanque era agitado dessa maneira, a água estava borbulhando ou havia ondas ou o que quer que fosse, que o primeiro pessoa que conseguisse entrar seria curada.

Então, conforme você lê o relato da história, você lê algo assim. Algum tempo depois, Jesus subiu a Jerusalém para uma das festas judaicas. Ora, há em Jerusalém, perto da Porta das Ovelhas, um tanque que em aramaico se chama Betesda, rodeado por cinco colunatas cobertas.

Aqui jazia um grande número de deficientes, cegos, coxos, paráliticos. Na NVI que estou lendo e na maioria das versões atuais em inglês, vai pular daí para o versículo 5. Aquele que estava lá era inválido há 38 anos. Mas há uma leitura mais longa da passagem que você notará na versão King James, que contém algum material adicional no versículo 4. Aqui, um grande número de pessoas deficientes costumavam mentir, os cegos, os coxos, os paráliticos.

Aqui está a parte adicional. E esperaram o movimento das águas. De vez em quando um anjo do Senhor descia e agitava as águas.

O primeiro que entrasse na piscina após tal perturbação seria curado de qualquer doença que tivesse. Alguém que estava lá, inválido há 38 anos, quando Jesus o viu

deitado ali e soube que ele estava nessa condição há muito tempo, perguntou-lhe: você quer ficar bom? Senhor, disse o enfermo, não tenho ninguém que me ajude a entrar na piscina quando a água é agitada. Enquanto tento entrar, alguém passa na minha frente.

Então, a questão é se essa questão do anjo agitando a água era algo que realmente era verdade e estava realmente acontecendo, se isso era apenas uma mitologia popular, uma fábula popular, uma ideia que as pessoas tinham. Afinal, eles estão tentando agarrar qualquer esperança que possam ter de serem curados. E eles tinham a visão popular de que os anjos faziam esse tipo de coisa.

Então, quando olhamos para este texto, se temos esta leitura mais longa com a expansão no final do versículo 3 para o versículo 4, novamente, do ponto de vista da evidência externa, há menos manuscritos que têm a leitura mais curta que não. Não há menção ao anjo agitando a água do que há manuscritos que trazem essa leitura. Mas os manuscritos que contêm a leitura não são tão antigos. Portanto, temos menos manuscritos antigos que omitem a leitura mais longa.

Temos mais manuscritos, mas são um pouco mais recentes, o que inclui isso. Os estudiosos textuais normalmente preferem o testemunho mais antigo ou outras coisas que estão sendo consideradas. Do ponto de vista da evidência interna, acho que gostaríamos de nos perguntar: como é que algo tão grande, tão grande como um pedaço, que em termos de várias palavras aqui, como esta leitura inteira, esperou pela movimentação do água de vez em quando e o anjo do Senhor descia e movia as águas.

O primeiro a entrar na piscina após cada perturbação seria curado de qualquer doença que tivesse. Algo tão grande não teria saído do texto involuntariamente, nem teria sido acrescentado de forma não intencional. Portanto, estamos olhando aqui para algo que foi evidentemente bastante intencional.

Então, em termos de evidências internas, não precisamos nos preocupar com a possibilidade de ser um acidente. É intencional retirá-lo ou colocá-lo. Aqui, acho que começamos agora a pensar em termos de evidências internas sobre a teologia bíblica como a entendemos e como Deus usa anjos para realizar sua vontade com seu povo.

Afinal, diz-nos o livro de Hebreus, não são todos eles espíritos ministradores enviados para ministrar àqueles que serão os herdeiros da salvação? Então, pelo que sabemos sobre a maneira como os anjos são usados por Deus no restante das Escrituras, o que lemos aqui em João 5, versículo 4 nesta leitura mais longa é compatível? Será que isso se enquadra no que parecemos saber sobre o caráter de Deus e seu plano para os anjos? O grama, eu acho, chamava os anjos de agentes secretos de Deus. Essa foi uma palavra muito boa para eles, não foi? Então, havia um agente secreto divino que agitaria a água e depois sentaria e observaria para ver

quem conseguiria entrar primeiro para curá-los? Não sei como você imagina esse evento, mas para mim ele quase parece um esboço do Monty Python.

Talvez você nunca tenha ouvido falar da trupe de comédia britânica Monty Python, mas eles fizeram muitas coisas ridículas e malucas, e isso quase me parece algo que eles fariam. Francamente, devo dizer-lhe que, à primeira vista, não me parece que seja assim que Deus opera com os anjos na Bíblia. Parece que esta seria na verdade uma forma bastante cruel de Deus operar, estender a cura apenas a uma pessoa que de uma forma ou de outra conseguisse manipular-se para entrar na piscina.

Todas as outras pessoas pobres e miseráveis que tentavam ser curadas ficariam desapontadas porque não conseguiam cair na piscina tão rapidamente quanto a outra pessoa. Então, para mim, isso simplesmente não passa no teste interno. Não me parece que, do ponto de vista da evidência interna, isso seja realmente o que Deus gostaria que estivesse escrito em sua palavra.

Portanto, é possível que isso tenha sido uma questão de alguma nota marginal adicionada e que mais tarde apareceu. Algum escriba que estava escrevendo escreveu uma nota na margem dizendo que era por isso que eles estavam esperando. Eles tinham essa superstição popular.

Isto é o que eles pensavam, mas eu não acho que eu pessoalmente admitiria que isto é originalmente parte do Evangelho de João porque simplesmente não passa no teste teológico do cheiro para mim. Você pode diferir nesse aspecto. Não estamos tentando ser dogmáticos aqui, mas tentando fazer você pensar sobre essas questões.

Então, aqui está outra questão textual em João sobre a qual você encontrará informações quando estiver estudando o capítulo cinco. Talvez a maior questão em João, questão textual, esteja em João capítulo sete, o último versículo do sétimo, depois os primeiros 11 versículos do capítulo oito. A história da mulher que foi pega em ato de adultério e trazida a Jesus como pretexto para colocá-lo em apuros, para fazê-lo dizer algo que seria controverso, para fazê-lo dizer algo que contradisse Moisés, talvez, para fazê-lo em apuros profundos.

Assim, João 7:53 a 8:11 é frequentemente chamado de pericope de adúltero. Isso é pericope da adúltera em latim, e você pode tirar a preposição de, colocá-la no caso genitivo, adultério. Você tem a mesma coisa, a pericope sobre a mulher adúltera.

Então, do ponto de vista do testemunho externo, mais uma vez, o segundo versículo, igual ao primeiro, os manuscritos mais antigos não incluem este pedaço, esta seção. Muitos manuscritos o incluem, mas são manuscritos comparativamente muito mais recentes. Esses são os manuscritos que estavam disponíveis para a versão autorizada, a versão King James da época, o chamado Texas Receptus.

Portanto, aqueles relativamente poucos manuscritos, relativamente tardios, continham isso, de modo que entrou na versão King James. Porém, a perícopes, cena, não é encontrada nos manuscritos mais antigos que estão disponíveis em sua maioria, por isso muitos estudiosos duvidam da autenticidade da leitura do ponto de vista de evidências externas. Outra coisa interessante sobre a evidência externa sobre esta perícopes é que alguns manuscritos que a contêm a inseriram em outros lugares do Evangelho de João.

Alguns manuscritos que o contêm foram inseridos em outros lugares do Evangelho de Lucas. Esta, de certa forma, é uma espécie de cena flutuante que aparece na tradição manuscrita em três ou quatro lugares diferentes, além de onde a encontramos na maioria dos manuscritos que a apresentam aqui em João 7 e João 8. Outro interessante O que acontece com o manuscrito do ponto de vista da evidência externa é que muitos manuscritos que o incluem o têm marcado nas margens. Eles foram colocados em obeliscos nos tempos antigos ao longo da margem de uma leitura controversa, e alguns manuscritos que contêm a leitura a incluíram, mas a marcaram.

Portanto, como leitor, tome cuidado aqui, isso pode não ser real. Do ponto de vista da evidência interna, há muitas palavras únicas aqui que ocorrem apenas aqui no Evangelho de João, e algumas coisas a redação é feita de uma forma que faz as pessoas pensarem que não é algo que o autor original de João teria escrito. desta maneira particular, usando essas palavras específicas. Na minha opinião, a coisa mais importante sobre a perícopes, que me leva a pensar que originalmente não fazia parte do Evangelho de João, é a maneira como ela atrapalha a história.

Se você ler a história de João 7 a João 8, verá que é um momento muito tumultuado no ministério de Jesus. Ele veio a Jerusalém e está lá para a festa do Tabernáculo de Booth, Sucot, e então ele está começando a ensinar e as pessoas estão indo em todas as direções e respondendo a ele. Alguns pensam que ele é o Messias, outros não, alguns pensam que ele não está qualificado para isso porque não é de Belém, e há todas essas opiniões messiânicas flutuando quando você lê a história em João, capítulo 7. Então, o capítulo 7 leva os religiosos líderes tentam fazer com que Jesus seja preso para que possam trazê-lo e verificá-lo, mas o grupo de prisão que eles enviam não o prende exatamente.

Na verdade, as pessoas que foram enviadas para prendê-lo eram evidentemente tão em todos os seus ensinamentos que foram incapazes de executar o ato. Então essa história começa em 745. Os guardas do templo voltaram até os principais sacerdotes e fariseus que lhes perguntaram: por que vocês não o trouxeram? Ninguém nunca falou como este homem, responderam os guardas.

Você quer dizer que ele também o enganou, responderam os fariseus. Algum dos governantes dos fariseus acreditou nele? Não. Esta multidão que não sabe nada sobre a lei, há uma maldição sobre eles.

Então agora nosso amigo Nicodemos aparece novamente às 7h50. Nicodemos, que havia ido até Jesus antes e era um deles, perguntou: nossa lei condena um homem sem primeiro ouvi-lo para descobrir o que ele tem feito? Eles responderam: você também é da Galiléia? Examine isso e você descobrirá que um profeta não surge da Galiléia. Agora, se passarmos disso diretamente para o capítulo 8, versículo 12, voltaremos para Jesus.

Jesus falou novamente ao povo. Ele disse que eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas.

Ele terá a luz da vida. Os fariseus o desafiaram, 8:13, aqui você está aparecendo como sua própria testemunha, seu testemunho não é válido. Quando você lê o texto dessa forma de 7h52 até 8h12, parece que o texto faz sentido.

No entanto, quando você lê, incluindo 7:53 até o capítulo 8, versículo 11, parece oscilar de um modo bastante estranho. Então seria assim se incluíssemos a cena da adúltera. Nicodemos faz seu comentário, não deveríamos pelo menos descobrir o que ele tem feito antes de tomarmos uma decisão? Eles responderam: você também é da Galiléia? Examine isso, você descobrirá que um profeta não sai da Galiléia.

Então todos foram para casa, mas Jesus foi para o Monte das Oliveiras. Ao amanhecer, ele apareceu novamente nos pátios do templo. Então, está bem aí, aquela pequena mudança abrupta deles indo para casa, mas Jesus indo para o Monte das Oliveiras.

Então ele aparece novamente no dia seguinte. É como se muitas coisas estivessem acontecendo ao mesmo tempo e a unidade literária do texto parecesse destruída. Coisa semelhante no final, porque Jesus tem falado aos líderes sobre a mulher e à mulher sobre os líderes.

Quando você lê a perícopé, como você se lembra, ele escreve no chão algumas vezes. E ele faz a observação decisiva no capítulo 8, versículo 7: qualquer um de vocês que não tenha pecado seja o primeiro a atirar uma pedra. E então ele escreve no chão novamente, as pessoas gradualmente começam a se aglomerar e a se afastar, deixando apenas Jesus e a mulher.

São as únicas duas pessoas ali, todos os outros já foram conforme capítulo 8, versículo 9. Nesse momento, Jesus se endireita e pergunta para a mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou? Ela diz, ninguém, senhor. Então eu também não te condeno, ele diz, vá e deixe sua vida de pecado. Versículo 12, quando Jesus falou

novamente ao povo, que povo? Todas as pessoas foram embora, não havia mais ninguém, só Jesus e a mulher.

Então, novamente, parece que há uma mudança abrupta, não apenas de 752 para a perícopes, mas também à medida que você sai desta perícopes para o resto do evangelho, do capítulo 8, versículo 11, para o capítulo 8, versículo 12. Então, por esta razão, tanto pelas evidências externas quanto pelas internas, creio que a maioria dos estudiosos concluiu que 753 a 811 não se encaixa realmente nesta parte do evangelho de João, não fazia originalmente parte do texto. Então neste aspecto é como a perícopes que acabamos de ver no capítulo 5 versículos 3 e 4. No entanto a evidência interna no sentido mais amplo de pensar sobre como isso se compara com outros ensinamentos de Jesus é bem diferente aqui em João 7 e 8 do que no capítulo 5. Muitas pessoas, quando leem João 7 e 8 e leem a história da mulher apanhada em adultério, concluem que Jesus estava realmente falando como ele mesmo aqui.

Este é o tipo de coisa que se enquadra e se enquadra na teologia de Jesus como o conhecemos em outras partes das Escrituras. Não uma pessoa que transigiria no pecado, mas uma pessoa que é misericordiosa com os pecadores, a pessoa que é mais insensível em seus comentários às pessoas religiosas, aos líderes religiosos, mas tende a ser bastante gentil e gentil com as pessoas comuns que são apanhadas no pecado, mas que estão dispostos a se afastar dele. Então, estas palavras finais de Jesus à mulher: "'Como alguém te condenou, não, então eu também não. Vá agora e deixe sua vida de pecado', parece a mistura perfeita, a combinação perfeita, a maneira perfeita de equilibrar justiça e graça, a maneira perfeita de manter um padrão elevado, mas também de exibir perdão a alguém que está disposto a se afastar do pecado.

Por esta razão, e pelo fato de evidências externas de que esta passagem é encontrada em outros livros do Novo Testamento aqui e ali e em alguns dos manuscritos antigos, muitos concluíram que esta passagem foi originalmente ligada a uma tradição real do dia de Jesus, que isso realmente aconteceu. Então, então esta perícopes seria um texto que circulou pela igreja primitiva junto com outras tradições de Jesus, nunca encontrando realmente um lugar nos escritos originais do Novo Testamento, mas eventualmente encontrando-se na segunda ou terceira geração do Novo Testamento. cópia de manuscritos do Novo Testamento. Por essa razão, é provável que isto represente a verdade do Jesus histórico, mas não algo que ocorreu originalmente no Evangelho de João.

Portanto, aqueles de vocês que estão ouvindo o vídeo agora, assistindo ao vídeo com uma doutrina muito forte da sola scriptura, podem duvidar que algum dia devam ensinar esta passagem na igreja. Acho que seria um pouco mais moderado do que isso e ensinaria a passagem da mesma forma, ao mesmo tempo em que estaria ciente de que ela não estava originalmente no Evangelho de João, pelo melhor que

podemos dizer. Assim, isto conclui nosso segundo vídeo sobre o Evangelho de João e sua introdução.

Neste vídeo falamos sobre o cenário histórico de João, como o chegamos, algumas das características geográficas do livro, e também a forma como o livro chegou até nós, alguns dos problemas textuais. Espero que você tenha gostado. Nos vemos em breve no capítulo um de João.

Este é o Dr. David Turner em seu ensinamento sobre o Evangelho de João. Esta é a sessão número dois, Introdução ao Evangelho de João, parte dois, Assuntos Históricos e Textuais.